

Teoria Freudiana e o Padrão da Propaganda Fascista¹

Durante a última década, a natureza e o conteúdo dos discursos e panfletos de agitadores fascistas americanos foram submetidos à pesquisa intensiva por cientistas sociais. Alguns destes estudos, realizados segundo as linhas da análise de conteúdo, resultaram, por fim, numa exposição abrangente [que se encontra] no livro *Prophets of Deceit*, por L. Löwenthal e N. Guterman.² A imagem global obtida é caracterizada por dois traços principais. Primeiro, com a exceção de algumas recomendações bizarras e completamente negativas: colocar estrangeiros em campos de concentração ou expatriar sionistas, o material de propaganda fascista neste país preocupa-se pouco com questões políticas concretas e tangíveis. A maioria esmagadora das declarações dos agitadores é dirigida *ad hominem*. Elas são obviamente baseadas em cálculos psicológicos mais que na intenção de conseguir seguidores por meio da expressão racional de objetivos racionais. O termo “incitador da turba”, apesar de censurável por seu desprezo inerente pelas massas enquanto tais, é em boa medida adequado já que expressa a atmosfera de agressividade emocional irracional propositadamente promovida por nossos pretensos Hitlers. Se é desrespeitoso chamar as pessoas de “turba”, é precisamente o objetivo do agitador transformar estas mesmas pessoas em uma “turba”, isto é, uma multidão inclinada à ação violenta sem qualquer objetivo político sensato, e criar a atmosfera do *pogrom*. O propósito universal destes agitadores é instigar metodicamente o que, desde o livro famoso de Gustave Le Bon, é comumente conhecido como “psicologia das massas”.

Segundo, o método dos agitadores é verdadeiramente sistemático e segue um padrão rigidamente estabelecido de “dispositivos” definidos. Isto não se liga apenas à unidade fundamental do propósito político: a abolição da democracia através do apoio de massa contra o princípio democrático, mas mais ainda à natureza intrínseca do conteúdo e da

¹ Este artigo é parte da contínua colaboração do autor com Max Horkheimer.

² Harper Brothers, New York, 1949. Cf. também: Leo Löwenthal e Norbert Guterman, “Portrait of the American Agitator”, *Public Opinion Quart.*, (Fall) 1948, pgs. 417 ss.

apresentação da própria propaganda. A similaridade das expressões de vários agitadores, das figuras bem conhecidas como Coughlin e Gerald Smith aos pequenos disseminadores provincianos de ódio, é tão grande que basta em princípio analisar as declarações de um deles para conhecê-los todos.³ Além disso, os próprios discursos são tão monótonos que, assim que se fica familiarizado com o número muito limitado de dispositivos em estoque, o que se encontra são intermináveis repetições. De fato, reiteração constante e escassez de idéias são ingredientes indispensáveis da técnica toda.

Na medida em que a rigidez mecânica do padrão é óbvia e ela mesma expressão de certos aspectos psicológicos da mentalidade fascista, não se pode evitar o sentimento de que o material de propaganda de tipo fascista forma uma unidade estrutural com uma concepção comum total, consciente ou inconsciente, que determina cada palavra que é dita. Esta unidade estrutural parece se referir à concepção política implícita tanto quanto à essência psicológica. Até agora, se deu atenção científica apenas à natureza destacada e de certo modo isolada de cada dispositivo; as conotações psicanalíticas dos dispositivos foram sublinhadas e elaboradas. Agora que os elementos foram esclarecidos suficientemente, chegou a hora de centralizar a atenção no sistema psicológico como tal - e pode não ser inteiramente acidental que o termo invoque a associação da paranóia – o qual compreende e gera estes elementos. Isto parece ser o mais apropriado, caso contrário a interpretação psicanalítica dos dispositivos individuais permanecerá algo fortuita e arbitrária. Um tipo de quadro de referência teórica terá que ser desenvolvido. Na medida em que os dispositivos individuais pedem quase irresistivelmente uma interpretação psicanalítica, não é senão

³ Isto exige alguma qualificação. Há uma certa diferença entre aqueles que, especulando correta ou incorretamente em relação a um amplo apoio econômico, tentam manter um ar de respeitabilidade e negar que sejam anti-semitas, antes de chegar ao negócio de perseguir judeus – e os abertamente nazistas, que querem agir sozinhos, ou pelo menos dar a impressão de que o fazem, e se permitem o mais violento e obscuro linguajar. Além disso, poder-se-ia distinguir entre agitadores que interpretam o papel do cristão conservador antiquado e simples, e podem ser facilmente reconhecidos por sua hostilidade contra a “esmola”, e aqueles que, adotando uma versão moderna mais dinâmica, apelam principalmente aos jovens e às vezes fingem ser revolucionários. Porém, tais diferenças não deveriam ser sobrevalorizadas. A estrutura básica dos discursos, bem como o estoque de dispositivos, é idêntica, apesar de diferenças cuidadosamente cultivadas em subentendidos. O que se encara aqui é uma divisão do trabalho em lugar de divergências genuínas. Pode-se notar que o Partido Nacional-Socialista manteve astutamente diferenciações de tipo semelhante, mas que elas nunca significaram coisa alguma nem levaram a algum choque sério de idéias políticas dentro do partido. A convicção de que as vítimas de 30 de junho de 1934 eram revolucionárias é mitológica. A purgação de sangue era uma questão de rivalidade entre vários *rackets* e não teve nenhuma base em conflitos sociais.

lógico postular que este quadro de referência deveria consistir na aplicação de uma teoria psicanalítica mais abrangente e básica ao método global do agitador.

Tal quadro de referência foi fornecido pelo próprio Freud em seu livro *Group Psychology and the Analysis of the Ego*, publicado em inglês já em 1922, e muito antes que o perigo do fascismo alemão parecesse ser agudo.⁴ Não é exagero se dissermos que Freud, apesar de estar pouco interessado na fase política do problema, claramente previu a origem e a natureza dos movimentos fascistas de massa em categorias puramente psicológicas. Se é verdade que o inconsciente do analista percebe o inconsciente do paciente, pode-se também presumir que suas intuições teóricas são capazes de antecipar tendências ainda latentes em um nível racional, mas se manifestando em um nível mais profundo. Pode não ter sido por acaso que após a Primeira Guerra Mundial Freud tenha voltado sua atenção para o narcisismo e os problemas do eu em sentido específico. Os mecanismos e conflitos instintuais envolvidos desempenham de forma evidente um papel crescentemente importante na época atual, considerando que, de acordo com o testemunho de analistas praticantes, as neuroses “clássicas” tais como histeria de conversão, que serviram como modelos para o método, ocorrem agora menos freqüentemente que na época do próprio desenvolvimento de Freud, quando Charcot tratou clinicamente a histeria e Ibsen fez dela tema de algumas de suas peças. De acordo com Freud o problema da psicologia de massa está relacionado de maneira próxima ao novo tipo de aflição psicológica tão característica da era que, por razões socioeconômicas, testemunha o declínio do indivíduo e sua subsequente fraqueza. Embora Freud não tenha se preocupado com as mudanças sociais, pode-se dizer que ele revelou nos confins monadológicos do indivíduo os traços de sua crise profunda e a vontade de se submeter inquestionavelmente à poderosas instâncias (*agencies*) coletivas externas. Sem jamais se dedicar ao estudo dos desenvolvimentos sociais contemporâneos, Freud apontou tendências históricas através do desenvolvimento de seu próprio trabalho, da escolha de seus temas e da evolução dos conceitos-guia.

⁴ O título alemão sob o qual o livro foi publicado em 1921 é *Massenpsychologie und Ichanalyse*. O tradutor, James Strachey, sublinha corretamente que o termo “grupo” equivale aqui à *foule* de Le Bon e ao alemão *Masse*. Pode-se acrescentar que neste livro o termo “eu” não denota a instância (*agency*) psicológica específica tal como descrita nos escritos posteriores de Freud em contraste com o id e o supereu; quer dizer simplesmente o indivíduo. É uma das implicações mais importantes da psicologia de massas de Freud que ele não reconhece uma “mentalidade da multidão” independente, hipostasiada, mas reduz os fenômenos observados e descritos por autores como Le Bon e McDougall à regressões que tomam lugar em cada um dos indivíduos que formam uma multidão e caem sob seu feitiço.

O método do livro de Freud consiste numa interpretação dinâmica da descrição da mente de massa por Le Bon e numa crítica de alguns conceitos dogmáticos – palavras mágicas, por assim dizer – que são empregados por Le Bon e outros psicólogos pré-analíticos como se fossem chaves para alguns fenômenos surpreendentes. Em primeiro lugar entre estes conceitos está o de sugestão o qual, aliás, ainda desempenha um papel importante na opinião popular como uma maneira possível de explicar o encanto exercido por Hitler e assemelhados sobre as massas. Freud não questiona a precisão das famosas caracterizações, por Le Bon, das massas como sendo altamente desindividualizadas, irracionais, facilmente influenciáveis, propensas à ação violenta e, de modo geral, de uma natureza regressiva. O que o distingue de Le Bon é antes a ausência do tradicional desprezo pelas massas que é o *thema probandum* da maioria dos psicólogos mais antigos. Em vez de inferir das descobertas descritivas habituais que as massas são inferiores *per se* e assim tendem a permanecer, ele se pergunta, no espírito do verdadeiro iluminismo: o que transforma as massas em massas? Ele rejeita a hipótese fácil de uma instinto social ou de rebanho, que para ele denota o problema e não sua solução. Além das razões puramente psicológicas que dá para este rejeição, poder-se-ia dizer que Freud está em terreno seguro também do ponto de vista sociológico. A comparação direta de formações de massas modernas com fenômenos biológicos dificilmente pode ser considerada válida, uma vez que os membros das massas contemporâneas são, pelo menos *prima facie*, indivíduos, filhos de uma sociedade liberal, competitiva e individualista, e condicionados a se manterem como unidades independentes e auto-sustentáveis; eles são continuamente advertidos de que devem ser “duros” e prevenidos contra a rendição. Mesmo que se assumisse que instintos arcaicos, pré-individuais, sobrevivam, não se poderia simplesmente apontar para esta herança, mas ter-se-ia que explicar por que homens modernos reverterem a padrões de comportamento que contradizem flagrantemente seu próprio nível racional e a presente fase da civilização tecnológica esclarecida. Isto é precisamente o que Freud quer fazer. Ele busca descobrir quais forças psicológicas resultam na transformação de indivíduos em uma massa. “Se os indivíduos no grupo estão combinados em uma unidade, deve haver, seguramente, algo para uni-los, e este vínculo poderia ser precisamente o que é característico de um grupo”.⁵ Esta indagação, porém, equivale a uma exposição do ponto

⁵ S. Freud, *Group Psychology and the Analysis of the Ego*, London, 1922, pg. 7.

fundamental da manipulação fascista. Pois o demagogo fascista, que tem que obter o apoio de milhões de pessoas para objetivos altamente incompatíveis com seu próprio auto-interesse racional, só pode fazê-lo criando artificialmente o *vínculo* que Freud está buscando. Se o método dos demagogos é realista – e seu sucesso popular não deixa dúvidas de que o seja – poder-se-ia colocar como hipótese que o vínculo em questão é exatamente o mesmo que o demagogo tenta produzir sinteticamente; na realidade, que ele é o princípio unificador por trás de seus vários dispositivos.

Em acordo com a teoria psicanalítica geral, Freud crê que o vínculo que integra os indivíduos em uma massa é de uma natureza *libidinal*. Psicólogos anteriores tocaram ocasionalmente neste aspecto da psicologia de massa. “Na opinião de McDougall as emoções dos homens em um grupo são excitadas a um nível que raramente ou nunca atingem sob outras condições; e é uma experiência prazerosa para os participantes se renderem tão ilimitadamente às suas paixões e serem assim absorvidos no grupo e perder o senso dos limites de suas individualidades”⁶. Freud vai além de tais observações explicando a coerência das massas inteiramente nos termos do princípio de prazer, quer dizer, das gratificações reais ou vicárias que os indivíduos obtêm pela rendição a uma massa. Hitler, aliás, estava bastante atento à fonte libidinal da formação da massa por rendição quando atribuiu características especificamente femininas e passivas aos participantes de seus comícios, e apontou assim também para o papel da homossexualidade inconsciente na psicologia de massa.⁷ A consequência mais importante da introdução, por Freud, da libido na psicologia de grupo é que os traços geralmente atribuídos às massas perdem o caráter ilusoriamente primordial e irredutível refletido pela construção arbitrária de instintos específicos de massa ou de rebanho. Estes últimos são antes efeitos que causas. O que é peculiar às massas é, de acordo com Freud, não tanto uma qualidade nova quanto a manifestação de qualidades antigas normalmente escondidas. “Do nosso ponto de vista, não precisamos atribuir tanta importância ao aparecimento de novas características. Seria

⁶ *Ibid.*, pg. 27.

⁷ O livro de Freud não investiga esta fase do problema, mas uma passagem do Adendo indica que ele estava bastante atento a ela. “Da mesma maneira, o amor pelas mulheres ultrapassa os vínculos grupais de raça, de separação nacional, e do sistema de classes sociais, e produz, assim, efeitos importantes como um fator na civilização. Parece certo que o amor homossexual é muito mais compatível com vínculos grupais, mesmo quando toma a forma de tendências sexuais desinibidas” (pg. 123). Isto foi certamente confirmado sob o fascismo alemão onde a fronteira entre homossexualidade aberta e reprimida, assim como entre sadismo aberto e reprimido, era muito mais fluida que na sociedade liberal de classe-média.

suficiente dizer que em um grupo o indivíduo é colocado sob condições que lhe permitem se livrar das repressões de seus instintos inconscientes”.⁸ Isto não apenas dispensa hipóteses auxiliares *ad hoc* mas também faz justiça ao simples fato de que aqueles que acabam por submergir nas massas não são homens primitivos, mas exibem atitudes primitivas contraditórias com seu comportamento racional *normal*. Ainda assim, mesmo as mais triviais descrições não deixam dúvidas sobre a afinidade de certas peculiaridades das massas com traços arcaicos. Menção particular deveria ser feita aqui ao potencial atalho de emoções violentas para ações violentas enfatizado por todos os autores de psicologia de massa, um fenômeno que nos escritos de Freud sobre culturas primitivas leva à suposição de que o assassinato do pai da horda primitiva não é imaginário, mas corresponde à realidade pré-histórica. Em termos de teoria dinâmica o reflorescimento de tais características deve ser entendido como o resultado de um *conflito*. Também pode ajudar a explicar algumas das manifestações da mentalidade fascista que dificilmente poderiam ser compreendidas sem a suposição de um antagonismo entre diversas forças psicológicas. Deve-se pensar aqui acima de tudo na categoria psicológica da destrutibilidade, que Freud discutiu em seu *O Mal-estar na Civilização*. Como uma rebelião contra a civilização o fascismo não é simplesmente a reocorrência do arcaico, mas sua reprodução na e pela civilização. É pouco adequado definir as forças da rebelião fascista simplesmente como poderosas energias do id que se livram da pressão da ordem social existente. Ao invés disto, esta rebelião empresta suas energias em parte de outras instâncias psicológicas que são forçadas a servir ao inconsciente.

Uma vez que o vínculo libidinal entre membros de massas não é obviamente de uma natureza sexual desinibida, o problema se coloca em termos de quais mecanismos psicológicos transformam a energia sexual primária em sentimentos que mantêm as massas unidas. Freud enfrenta-o analisando os fenômenos cobertos pelos termos *sugestão* e *sugestibilidade*. Ele reconhece a sugestão como a “proteção” ou “anteparo” ocultando “relações amorosas”. É essencial que as “relações amorosas” por trás da sugestão permaneçam inconscientes.⁹ Freud enfatiza o fato de que em grupos organizados tais como o Exército ou a Igreja ou não há nenhuma menção a amor entre seus membros, ou ele é

⁸ *Loc. cit.*, pgs. 9 e 10.

⁹ “...relações amorosas... também constituem a essência da mente grupal. Lembremo-nos de que as autoridades não fazem menção a quaisquer relações deste tipo”. (*Ibid.*, pg. 40.)

expresso apenas de uma maneira sublimada e indireta, através da mediação de alguma imagem religiosa, pelo amor da qual os membros se unem e cujo amor abrangente (*all-embracing*) eles devem imitar em sua atitude uns para com os outros. Parece significativo que na sociedade atual, com suas massas fascistas artificialmente integradas, a referência ao amor esteja quase que completamente excluída.¹⁰ Hitler afastou-se do papel tradicional do pai amoroso e substituiu-o inteiramente pelo papel negativo da autoridade ameaçadora. O conceito de amor foi relegado à noção abstrata de *Alemanha* e raramente mencionado sem o epíteto de “fanático”, pelo qual mesmo este amor obtinha um tom de hostilidade e agressividade contra aqueles que ele não englobava. Um dos princípios básicos da liderança fascista é manter energia libidinal primária em um nível inconsciente de modo a desviar suas manifestações numa forma adequada a fins políticos. Quanto menos uma idéia objetiva, como a de salvação religiosa, desempenha um papel na formação da massa, e quanto mais a manipulação da massa se torna o único fim, mais completamente o amor desinibido tem que ser reprimido e moldado em obediência. Muito pouco há, no conteúdo da ideologia fascista, que *pudesse* ser amado.

O padrão libidinal do fascismo e a técnica toda dos demagogos fascistas são autoritários. É aqui que as técnicas do demagogo e do hipnotizador coincidem com o mecanismo psicológico pelo qual os indivíduos são compelidos a sofrer as regressões que os reduzem a meros membros de um grupo.

Pelas medidas que toma, o hipnotizador desperta no sujeito uma porção de sua herança arcaica a qual o tinha também feito obediente em relação a seus pais, tendo ainda experimentado uma reanimação individual em sua relação com seu pai: o que é assim despertado é a idéia de uma personalidade toda-poderosa e perigosa, em relação a qual apenas uma atitude passivo-masoquista é possível, a qual a vontade tem que se render, – enquanto que estar sozinho com ela, “olhá-la no rosto”, parece uma aventura arriscada. É apenas em tais formas que podemos descrever a relação do membro

¹⁰ Talvez uma das razões para este fenômeno notável seja o fato de que as massas que o agitador fascista – antes de obter o poder – tem que encarar, são, primariamente, não massas organizadas, mas as multidões acidentais da cidade grande. O caráter fracamente coeso de tais multidões heterogêneas torna imperativo que disciplina e coerência sejam enfatizadas às custas do desejo centrífugo e não canalizado de amar. Parte da tarefa do agitador consiste em fazer a multidão acreditar que é organizada como o Exército ou a Igreja. Daí a tendência para a superorganização. Faz-se um fetiche da organização como tal; ela se torna um fim ao invés de um meio e esta tendência predomina do começo ao fim nos discursos do agitador.

individual da horda primitiva com o pai primitivo... As características estranhas e coercitivas das formações de grupos, as quais são reveladas em seus fenômenos de sugestão, podem então com justiça ser remetidas ao fato de sua origem a partir da horda primitiva. O líder do grupo ainda é o temido pai primitivo; o grupo ainda deseja ser governado por força irrestrita; ele tem uma paixão extrema pela autoridade; no dito de Le Bon, tem sede de obediência. O pai primitivo é o ideal do grupo, que governa o eu no lugar do ideal do eu. A hipnose pode, com justiça, ser descrita como um grupo de duas pessoas; a este respeito permanece como uma definição para sugestão – uma convicção que não é baseada em percepções e raciocínios, mas em um vínculo erótico.¹¹

Isto na verdade define a natureza e o conteúdo da propaganda fascista. Ela é psicológica por causa de seus fins autoritários e irracionais, que não podem ser alcançados por meio de convicções racionais mas apenas pelo hábil despertar de “uma porção da herança arcaica do sujeito”. A agitação fascista está centrada na idéia do líder, não importando se ele lidera de fato ou se é apenas o mandatário de interesses do grupo, porque apenas a imagem psicológica do líder é apta a reanimar a idéia do todo-poderoso e ameaçador pai primitivo. Esta é a raiz da, de outro modo enigmática, *personalização* da propaganda fascista, seu incessante propagandear de nomes e supostos grandes homens, em lugar da discussão de causas objetivas. A formação da imagem de uma figura paterna onipotente e não controlada, transcendendo em muito o pai individual e com isto apta a ser ampliada em um “eu do grupo”, é a única maneira de disseminar “a atitude passivo-masquista... à qual a vontade

¹¹ *Loc. cit.*, pgs. 99-100. Esta afirmação-chave da teoria freudiana da psicologia de grupo, aliás, explica uma das mais decisivas observações sobre a personalidade fascista: a externalização do supereu. A expressão “ideal do eu” é a formulação inicial de Freud para aquilo que mais tarde chamou de supereu. Sua substituição por um “eu do grupo” é exatamente o que acontece a personalidades fascistas. Elas falham no desenvolvimento de uma consciência autônoma independente e substituem-na por uma identificação com a autoridade coletiva, a qual é tão irracional quanto Freud a descreveu, heterônoma, rigidamente opressiva, largamente estranha ao pensamento próprio dos indivíduos e, portanto, facilmente substituível apesar de sua rigidez estrutural. O fenômeno é expresso adequadamente na fórmula nazista segundo a qual o que serve ao povo alemão é bom. O padrão reaparece nos discursos dos demagogos fascistas americanos que nunca apelam à consciência própria de seus potenciais seguidores mas invocam incessantemente valores externos, convencionais e estereotipados, os quais são tomados como certos e tratados como autoritariamente válidos sem jamais serem submetidos a um processo de experiência viva ou a um exame discursivo. Como apontado em detalhe no livro *A Personalidade Autoritária*, de T. W. Adorno, Else Frenkel-Brunswik, Daniel J. Levinson, e R. Nevitt Sanford (Harper Brothers, New York, 1950), as pessoas preconceituosas geralmente exibem crenças em valores convencionais ao invés de tomarem decisões morais próprias e consideram correto “o que está sendo feito”. Através da identificação eles também tendem a se submeter ao eu do grupo às expensas de seu próprio ideal do eu, o qual acaba virtualmente fundido com valores externos.

tem que se submeter”, uma atitude tanto mais exigida do seguidor fascista quanto mais seu comportamento político se torna irreconciliável com seus próprios interesses racionais enquanto pessoa privada, bem como com os do grupo ou classe ao qual pertence de fato.¹² A irracionalidade redespertada do seguidor é bastante racional do ponto de vista do líder: ela necessariamente tem que ser “uma convicção que não é baseada em percepções e raciocínios, mas em um vínculo erótico”.

O mecanismo que transforma a libido na ligação entre líder e seguidores, e entre os próprios seguidores, é o da *identificação*. Uma grande parte do livro de Freud é dedicada a sua análise.¹³ É impossível discutir aqui a diferenciação teórica muito sutil, particularmente aquela entre identificação e introjeção. Deve-se notar, entretanto, que o Ernst Simmel tardio, ao qual devemos valiosas contribuições à psicologia do fascismo, tomou o conceito de Freud da natureza ambivalente da identificação como um derivado da fase oral da organização da libido,¹⁴ e o ampliou em uma teoria analítica do anti-semitismo.

Nos contentaremos aqui com algumas poucas observações sobre a relevância da doutrina da identificação para propaganda e a mentalidade fascistas. Foi observado por vários autores, e por Erik Homburger Erikson em particular, que o tipo de líder especificamente fascista não parece ser uma figura paterna, tal como por exemplo o rei dos tempos antigos. A inconsistência, porém, entre esta observação e a teoria freudiana do líder como o pai primitivo é apenas superficial. Sua discussão da identificação pode nos ajudar a entender, em termos de dinâmica subjetiva, certas mudanças que na verdade se devem a condições históricas objetivas. A identificação é “a expressão mais *primitiva* de uma ligação emocional com outra pessoa”, desempenhando “um papel na história inicial do

¹² O fato de que o masoquismo do seguidor fascista é inevitavelmente acompanhado por impulsos sádicos está em harmonia com a teoria geral de Freud da ambivalência, originalmente desenvolvida em conexão com o complexo de Édipo. Uma vez que a integração fascista de indivíduos em massas os satisfaz apenas vicariamente, seu ressentimento contra as frustrações de civilização sobrevive, mas é canalizado para se tornar compatível com os objetivos do líder; ele é psicologicamente fundido com submissão autoritária. Embora Freud não coloque o problema do que foi mais tarde chamado de “sado-masoquismo”, ele estava, não obstante, bem atento a ele, o que é evidenciado por sua aceitação da idéia de Le Bon de que “uma vez que um grupo não tem dúvidas em relação ao que constitui verdade ou erro, e está consciente, além disso, de sua própria grande força, é tão intolerante quanto é obediente à autoridade. Ele respeita a força e apenas minimamente pode ser influenciado pela bondade, a qual considera apenas como uma forma de fraqueza. O que exige de seus heróis é força, ou mesmo violência. Quer ser governado e oprimido e temer seus senhores”. (Freud, *op. cit.*, pg. 17).

¹³ *Op. cit.*, pg. 58 ss.

¹⁴ *Ibid.*, pg. 61.

complexo de Édipo”.¹⁵ Pode bem ser que este componente pré-edipiano da identificação ajude a provocar a separação da imagem do líder como a de um pai primitivo todopoderoso, da imagem paterna real. Uma vez que a identificação da criança com seu pai como uma resposta para o complexo de Édipo é apenas um fenômeno secundário, a regressão infantil pode ir além desta imagem paterna e por um processo “anaclítico” alcançar uma mais arcaica. Além disso, o aspecto primitivamente narcisista da identificação como um ato de *devorar*, de tornar o objeto amado parte de si mesmo, pode nos fornecer uma pista para o fato de que a imagem do líder moderno às vezes parece ser mais a ampliação da própria personalidade do sujeito, uma projeção coletiva de si mesmo, do que a imagem de um pai cujo papel durante as fases tardias da infância do sujeito pode bem ter diminuído na sociedade atual.¹⁶ Todos estes aspectos pedem uma clarificação adicional.

O papel essencial do narcisismo em relação às identificações que estão em jogo na formação de grupos fascistas é reconhecido na teoria de Freud da *idealização*. “Vemos que o objeto é tratado da mesma maneira que nosso próprio eu, de modo que quando estamos apaixonados uma quantia considerável de libido narcisista transborda no objeto. É até mesmo óbvio, em muitas formas de escolha amorosa, que o objeto serve como um substituto para algum ideal de eu, por nós inatingido. Nós o amamos por causa das perfeições que nos esforçamos para alcançar para nosso próprio eu, e que agora gostaríamos de obter deste modo indireto, como um meio de satisfazer nosso narcisismo”¹⁷. É precisamente esta idealização de si mesmo que o líder fascista tenta promover em seus seguidores, e que é auxiliada pela ideologia do *Führer*. As pessoas com as quais ele tem que contar geralmente padecem do conflito moderno e característico entre uma instância do eu¹⁸ racional e auto-preservadora fortemente desenvolvida, e o fracasso contínuo em satisfazer as demandas de seu próprio eu. Este conflito resulta em impulsos narcisistas fortes que só podem ser absorvidos e satisfeitos pela idealização enquanto transferência parcial da libido narcisista para o objeto. Isto, por sua vez, corresponde à semelhança da imagem do líder com uma ampliação do sujeito: fazendo do líder seu ideal, o sujeito ama a

¹⁵ *Ibid.*, pg. 60.

¹⁶ Cf. Max Horkheimer, “Authoritarianism and the Family Today”, *The Family: Its Function and Destiny*, ed., R. N. Anshen (Harper Brothers, New York, 1949).

¹⁷ Freud, *op. cit.*, pg. 74.

¹⁸ A tradução do livro de Freud verte o termo “*Instanz*” por “faculdade”, uma palavra que, no entanto, não tem a conotação hierárquica do original alemão. “Instância” parece ser mais apropriado.

si mesmo, por assim dizer, mas se livra das manchas de frustração e descontentamento que estragam a imagem que tem de seu próprio eu empírico. Este padrão de identificação por idealização, caricatura da solidariedade verdadeira, consciente, é, porém, um padrão coletivo. É efetivo em um vasto número de pessoas com disposições caracterológicas e inclinações libidinais semelhantes. A *comunidade do povo* fascista corresponde exatamente à definição de Freud de um grupo como sendo “vários indivíduos que substituíram seu ideal de eu pelo mesmo objeto e conseqüentemente se identificaram uns com os outros em seus eus”. A imagem de líder, por sua vez, empresta, por assim dizer, da força coletiva sua onipotência semelhante à do pai primitivo.¹⁹

A construção psicológica da imagem do líder por Freud é corroborada por sua notável coincidência com o tipo fascista de líder, pelo menos no que se refere à sua constituição (*build-up*) pública. Suas descrições convém à imagem de Hitler não menos que às idealizações pelas quais os demagogos americanos tentam se moldar. A fim de permitir a identificação narcisista, o líder tem que aparecer como absolutamente narcisista, e é deste *insight* que Freud deriva o retrato do “pai primitivo da horda” o qual poderia igualmente ser Hitler.

Ele, já no início da história da humanidade, era o *Super-homem* que Nietzsche esperava apenas no futuro.²⁰ Mesmo hoje os membros de um grupo necessitam da ilusão de que são amados igualmente e de forma justa por seu líder; mas o líder não precisa amar mais ninguém, ele pode ser de uma natureza magistral, absolutamente narcisista, mas autoconfiante e independente. Sabemos que o amor põe o narcisismo em xeque, e seria possível mostrar como, operando deste modo, ele se tornou um fator de civilização.²¹

Uma das características mais conspícuas dos discursos dos agitadores, nomeadamente, a ausência de um programa positivo e de qualquer coisa que eles pudessem “dar”, bem como a prevalência paradoxal de ameaça e negação, é assim explicada pelo seguinte: o líder só pode ser amado se ele próprio não amar. Todavia, Freud está atento a outro aspecto da

¹⁹ Freud, *l. c.*, pág. 80.

²⁰ Pode não ser supérfluo sublinhar que o conceito nietzscheano do Super-homem tem tão pouco em comum com esta imagem arcaica quanto sua visão do futuro com o Fascismo. A insinuação de Freud só é obviamente válida para o “Super-homem” tal como foi popularizado em slogans baratos.

²¹ *Loc. cit.*, pág. 93.

imagem do líder que aparentemente contradiz o primeiro. Aparecendo como um super-homem, o líder deve ao mesmo tempo realizar o milagre de aparecer como uma pessoa comum, da mesma maneira como Hitler se apresentou como uma mistura de King-Kong e barbeiro de subúrbio. Também isto Freud explica por sua teoria do narcisismo. De acordo com ele,

o indivíduo desiste de seu ideal do eu e o substitui pelo ideal do grupo tal como encarnado no líder. [Porém,] em muitos indivíduos a separação entre o eu e o ideal do eu não é muito avançada; os dois ainda coincidem prontamente; o eu freqüentemente preservou sua autocomplacência inicial. A escolha do líder é facilitada em muito por esta circunstância. Ele só precisa possuir, de forma particularmente pura e claramente marcada, as qualidades típicas dos indivíduos envolvidos, e só precisa dar impressão de maior força e maior liberdade de libido; e neste caso a necessidade de um chefe forte vai a seu encontro e o investe de uma superioridade que de outro modo ele talvez não pudesse reclamar para si. Os outros membros do grupo, cujo eu ideal não teria, fora desta situação, se encarnado em sua pessoa sem alguma correção, se deixam, então, levar com o restante pela ‘sugestão’, quer dizer, por meio da identificação.²²

Mesmo os impressionantes sintomas de inferioridade do líder fascista, sua semelhança com atores canastrões e psicopatas insociais, é assim antecipada pela teoria de Freud. Por causa daquelas partes da libido narcisista do seguidor que não foram investidas na imagem do líder mas permanecem ligadas ao próprio eu do seguidor, o super-homem deve ainda se assemelhar ao seguidor e deve aparecer como sua “ampliação”. Em acordo com isto, um dos dispositivos básicos da propaganda fascista personalizada é o conceito do “grande homem comum” (*great little man*), alguém que sugere tanto onipotência quanto a idéia de que é apenas um dos rapazes, um americano simples, saudável, não conspurcado por riqueza material ou espiritual. A ambivalência psicológica ajuda um milagre social a se realizar. A imagem do líder satisfaz o duplo desejo do seguidor de se submeter à autoridade e de ser ele próprio a autoridade. Isto corresponde a um mundo no qual o controle irracional é exercido apesar de ter perdido sua convicção interna em função do esclarecimento universal. As pessoas que obedecem aos ditadores sentem que estes últimos são supérfluos.

²² *Ibid.*, pág. 102.

Elas se reconciliam com esta contradição através da presunção de que elas próprias são o opressor cruel.

Todos os dispositivos padrão (*standard*) dos agitadores são projetados em acordo com a linha da exposição por Freud daquilo que mais tarde se tornou a estrutura básica da demagogia fascista, a técnica da personalização²³, e a idéia do grande homem comum. Nos limitamos aqui a alguns poucos exemplos escolhidos ao acaso.

Freud apresenta uma explicação exaustiva do elemento hierárquico em grupos irracionais. “É óbvio que um soldado toma seu superior, isso é, propriamente, o líder do exército, como seu ideal, enquanto se identifica com seus iguais, e deriva desta comunidade de seus eus (*Ichgemeinschaft*) as obrigações de dar ajuda mútua e de compartilhar o que possuir, as quais são implicadas pela camaradagem. Mas ele se torna ridículo se tenta se identificar com o general”²⁴, isto é, direta e conscientemente. Os fascistas, até o último demagogo obscuro, enfatizam continuamente cerimônias ritualísticas e diferenciações hierárquicas. Quanto menos a hierarquia é justificada no interior da organização de uma sociedade industrial altamente racionalizada e quantificada, mais as hierarquias artificiais sem uma *raison d'être* objetiva são construídas e rigidamente impostas por fascistas, por razões puramente psicotécnicas. Pode-se acrescentar, entretanto, que esta não é a única fonte libidinal envolvida. Assim, estruturas hierárquicas estão em completa harmonia com os desejos do caráter sadomasoquista. A famosa fórmula de Hitler, “*Verantwortung nach oben, Autorität nach unten*“, (“responsabilidade para com os de cima, autoridade para com os de baixo”) racionaliza bem a ambivalência deste caráter.²⁵

A tendência a pisar nos de baixo, a qual se manifesta tão desastrosamente na perseguição de minorias fracas e desamparadas, é tão franca quanto o ódio contra os fora. Na prática, ambas as tendências freqüentemente ocorrem juntas. A teoria de Freud joga luz

²³ Para detalhes adicionais a respeito da personalização, cf. Freud, *loc. cit.*, pág. 44, nota de rodapé, onde ele discute a relação entre idéias e personalidades de líder; e pág. 53, onde ele define como “líderes secundários” essas idéias essencialmente irracionais que mantém o grupo unido. Na civilização tecnológica, nenhuma transferência imediata para o líder, desconhecido e distante como ele de fato é, é possível. A que acontece é antes uma re-personalização regressiva de poderes sociais impessoais e apartados. Esta possibilidade foi claramente antecipada por Freud. “... Uma tendência comum, um desejo no qual várias pessoas podem ter parte, pode... servir como um substituto. Esta abstração, por sua vez, poderia ser encarnada mais ou menos completamente na figura do que poderíamos chamar um líder secundário”.

²⁴ *Loc. cit.*, pág. 110.

²⁵ O folclore alemão tem um símbolo drástico para este traço. Ele fala dos *Radfahrernaturen*, aqueles que têm caráter de ciclista. Acima eles se curvam, abaixo eles chutam.

sobre a distinção disseminada e rígida entre o amado *in-group* e o rejeitado *out-group*. Por toda nossa cultura este modo de pensar e se comportar acabou por ser considerado auto-evidente em tal grau, que a questão sobre por que as pessoas amam o que é semelhante a elas e odeiam o que é diferente raramente é colocada de modo suficientemente sério. Aqui, como em muitos outros casos, a produtividade da abordagem de Freud está no questionamento daquilo que é geralmente aceito. Le Bon notara que a multidão irracional “vai diretamente a extremos”²⁶. Freud amplia esta observação e aponta o fato de que a dicotomia entre *in-group* e *out-group* é de uma natureza tão profundamente enraizada que afeta mesmo aqueles grupos cujas “idéias” aparentemente excluem tais reações. Já em 1921 ele foi, por isso, capaz de se livrar da ilusão liberal de que o progresso da civilização provocaria automaticamente um aumento da tolerância e uma diminuição da violência contra os *out-groups*.

Mesmo durante o reino de Cristo aquelas pessoas que não pertencem à comunidade dos crentes, que não o amam e às quais ele não ama, encontram-se fora deste vínculo. Portanto uma religião, mesmo se se qualifica como religião do amor, deve ser dura e desamorosa para com aqueles que não pertencem a ela. Fundamentalmente, de fato, toda religião é do mesmo modo uma religião de amor para todos aqueles a quem abraça; enquanto que crueldade e intolerância em relação àqueles que não pertencem a ela são naturais a toda religião. Por difícil que possamos considerar pessoalmente, não devemos reprovar muito severamente os crentes por isto: a este respeito os descrentes ou indiferentes estão melhor do ponto de vista psicológico. Se hoje em dia aquela intolerância não se mostra mais tão violenta e cruel como nos séculos anteriores, dificilmente podemos concluir que houve uma suavização nos costumes dos homens. A causa deve antes ser encontrada no inegável enfraquecimento dos sentimentos religiosos e dos vínculos libidinais deles dependentes. Se outros vínculos grupais tomarem o lugar do religioso – e o vínculo socialista parece estar tendo sucesso em fazê-lo –, então haverá a mesma intolerância para com os de fora que havia na era das Guerras de Religião.²⁷

²⁶ Freud, *loc. cit.*, pág. 16.

²⁷ *Loc. cit.*, pp. 50-51.

O erro de Freud em prognose política, culpar os “socialistas” pelo que seus arquiinimigos alemães fizeram, é tão surpreendente quanto sua profecia sobre a destrutibilidade fascista, o impulso de eliminar o *out-group*²⁸. De fato, a neutralização da religião parece ter conduzido apenas ao oposto daquilo que o iluminista Freud antecipara: a divisão entre crentes e não-crentes foi mantida e reificada. De qualquer modo, tornou-se uma estrutura em si mesma, independente de qualquer conteúdo ideacional, e é mesmo defendida mais obstinadamente desde que perdeu sua convicção interna. Ao mesmo tempo, o impacto mitigante da doutrina religiosa do amor desapareceu. Esta é a essência do dispositivo “joio e trigo” empregada por todos os demagogos fascistas. Uma vez que não reconhecem nenhum critério espiritual com relação a quem é escolhido e quem é rejeitado, eles o substituem por um critério pseudo-natural como o de raça²⁹, o qual parece ser inevitável e pode, portanto, ser aplicado até mais impiedosamente do que o era o conceito de heresia durante a Idade Média. Freud teve sucesso em identificar a função libidinal deste dispositivo. Ele age como uma força negativamente integradora. Já que a libido positiva está completamente investida na imagem do pai primitivo, o líder, e já que poucos conteúdos positivos estão disponíveis, um negativo deve ser encontrado. “O líder ou a idéia central também podem, por assim dizer, ser negativos; o ódio contra uma pessoa ou instituição particular poderia operar da mesma maneira unificadora, e poderia levar ao mesmo tipo de vínculos emocionais que os afetos positivos”³⁰. É desnecessário dizer que esta integração negativa alimenta o instinto de destrutibilidade ao qual Freud não se refere explicitamente em seu *Group Psychology*, mas

²⁸ Com relação ao papel da religião “neutralizada”, diluída, na maquiagem da mentalidade fascista, cf. *The Authoritarian Personality*. Contribuições psicanalíticas importantes para toda esta área inteira de problemas estão contidas no *Der eigene und der fremde Gott*, de Theodor Reik, e no *Die vaterlose Gesellschaft*, de Paul Federn.

²⁹ Deve-se notar que a ideologia de raça reflete distintamente a idéia da fraternidade primitiva revivida, de acordo com Freud, pela regressão específica envolvida na formação da massa. A noção de raça compartilha duas propriedades com a fraternidade, é supostamente “natural”, um laço de “sangue”, e é dessexualizada. No fascismo esta similaridade é mantida inconsciente. Comparativamente, ele menciona a fraternidade de modo raro, e normalmente só em relação aos alemães que moram *fora* das fronteiras do Reich (“Nossos irmãos das Sudeten”). Isto, é claro, deve-se em parte a lembranças do ideal de *fraternité* da Revolução francesa, tabu para os nazistas.

N. do T.: As Sudeten ou Sudetes são uma cadeia de montanhas localizada na Boêmia, na atual fronteira entre a República Tcheca e a Polônia. Até 1945 esta era uma região essencialmente de língua alemã, sendo a expressão “alemães das Sudeten” utilizada para designar toda a população falante do alemão que ali habitava. O Partido Alemão das Sudeten foi um instrumento do Partido Nacional Socialista Alemão nos eventos que levaram ao Pacto de Munique e à anexação da região pela Alemanha em 1938. A região foi recuperada pela Tchecoslováquia em 1945, sendo então expulsa a maioria da população alemã.

³⁰ *Loc. cit.*, pág. 53.

cujo papel decisivo reconheceu em *O Mal-estar na Civilização*. No contexto presente, Freud explica a hostilidade contra o *out-group* através do narcisismo:

Nas antipatias e aversões indisfarçadas que as pessoas sentem em relação aos estrangeiros com quem entram em contato podemos reconhecer a expressão do amor-próprio – do narcisismo. Este amor-próprio trabalha para o auto-afirmação do indivíduo, e se comporta como se o aparecimento de qualquer divergência em relação a suas linhas particulares de desenvolvimento envolvesse uma crítica e uma solicitação de mudança nas mesmas.³¹

O *ganho* narcisista fornecido pela propaganda fascista é óbvio. Ela sugere continuamente e às vezes de maneiras bastante maliciosas que o seguidor, simplesmente por pertencer ao *in-group*, é superior, melhor e mais puro que aqueles estão excluídos. Ao mesmo tempo, qualquer tipo de crítica ou autoconsciência é ressentida como uma perda narcisista e provoca fúria. Isto explica a reação violenta de todo fascista contra o que julga *zersetzend*, aquilo que desmascara seus próprios valores obstinadamente mantidos, e também a hostilidade das pessoas preconceituosas contra qualquer tipo de introspecção. Concomitantemente, a concentração de hostilidade no *out-group* elimina a intolerância no interior do grupo, com o qual a relação, de outro modo, seria altamente ambivalente.

Mas o todo desta intolerância desaparece, temporária ou permanentemente, por meio da formação do grupo, e no grupo. Enquanto a formação do grupo persistir ou pelo período em que ela se estender, os indivíduos se comportam como se fossem uniformes, toleram as peculiaridades de outras pessoas, colocam-se no mesmo nível, e não têm sentimentos de aversão em relação a elas. Tal limitação do narcisismo, de acordo com nossas concepções teóricas, só pode ser produzida por um fator, um vínculo libidinal com outras pessoas.³²

Esta é a linha perseguida pelo estandardizado “truque da unidade” dos agitadores. Eles enfatizam suas diferenças em relação aos que não pertencem ao grupo, mas minimizam tais diferenças no interior do próprio grupo e tendem a nivelar suas qualidades distintivas, com

³¹ *Loc. cit.*, pp. 55-56.

³² *Loc. cit.*, pág. 56.

exceção da hierárquica. “Estamos todos no mesmo barco”; ninguém deveria ser melhor; o esnobe, o intelectual, o hedonista, são sempre atacados. O igualitarismo malicioso, a fraternidade da humilhação geral, como fator subjacente, é um componente da propaganda fascista e fascista ele próprio. Encontrou seu símbolo na notória ordem de Hitler para o *Eintopfgericht*³³. Quanto menos eles querem que a estrutura social inerente mude, mais tagarelam sobre justiça social, querendo dizer que nenhum membro da “comunidade do povo” deve se permitir prazeres individuais. Igualitarismo repressivo ao invés da realização da verdadeira igualdade pela abolição da repressão é parte e parcela da mentalidade fascista e se reflete no dispositivo “se-você-soubesse” dos agitadores, que promete a vingativa revelação de todo tipo de prazeres proibidos desfrutados por outros. Freud interpreta este fenômeno em termos da transformação de indivíduos em membros de uma “horda fraterna” psicológica. Sua coerência é uma formação de reação contra o ciúme primário de uns com os outros, forçada a servir à coerência do grupo.

O que aparece mais tarde na sociedade na forma do *Gemeingeist*, *esprit de corps*, “espírito de grupo”, etc. não desmente sua derivação do que era originalmente ciúme. Ninguém deve querer se por à frente, todos devem ser o mesmo e ter o mesmo. Justiça social significa que negamos a nós mesmos muitas coisas, de forma que outros também tenham que passar sem elas, ou, o que é o mesmo, não possam reclamá-las.³⁴

Pode-se acrescentar que a ambivalência em relação ao irmão encontrou uma expressão bastante notável e sempre recorrente na técnica dos agitadores. Freud e Rank apontaram que, em contos de fadas, pequenos animais, como abelhas e formigas, “seriam os irmãos na horda primitiva, assim como, do mesmo modo, no simbolismo do sonho, insetos e animais

³³ N. do T.: *Eintopfgericht* (literalmente: ensopado, cozido de carne e legumes) foi o nome dado a uma idéia de Goebbels concebida para fins de propaganda e com o objetivo de passar a imagem de que o novo governo conseguia combater as conseqüências do desemprego no país. No primeiro sábado de cada mês do inverno, todo alemão deveria restringir sua refeição principal a limites financeiros extremamente modestos, correspondentes a um prato de ensopado; a diferença em relação ao que seria gasto na quantidade usual de comida era doada para a *Winterhilfswerk*, organização para o auxílio no inverno, que deveria socorrer os desempregados. Também os restaurantes, nestes mesmos dias, eram obrigados a oferecer no cardápio apenas um prato de ensopado, cobrando entretanto o preço de um jantar completo e doando igualmente a diferença em dinheiro. No propósito da propaganda, Hitler e outras figuras proeminentes faziam aparições públicas nos restaurantes, participando destes jantares.

³⁴ *Loc. cit.*, pp. 87-88.

daninhos significam os irmãos e irmãs (desdenhosamente considerados como bebês)”³⁵. Como os membros do *in-group* supostamente “foram bem-sucedidos em se identificar uns com os outros por meio do amor similar pelo mesmo objeto”³⁶, eles não podem admitir este desprezo de uns pelos outros. Assim, ele é expresso por uma catexis completamente negativa destes animais baixos, fundido com o ódio contra o *out-group*, e projetado neste último. De fato um dos dispositivos prediletos dos agitadores fascistas – examinado detalhadamente por Leo Löwenthal³⁷ – consiste em comparar *out-groups*, todos estrangeiros, e particularmente os refugiados e judeus, com animais baixos ou daninhos.

Se temos o direito de assumir uma correspondência dos estímulos da propaganda fascistas com os mecanismos discutidos na *Group Psychology* de Freud, devemos nos fazer a pergunta quase inevitável: como os agitadores fascistas, rudes e semi-educados como eram, obtiveram conhecimentos sobre estes mecanismos? Referências à influência exercida pelo *Mein Kampf* de Hitler sobre os demagogos americanos não levaria muito longe, já que parece impossível que o conhecimento teórico de Hitler sobre psicologia de grupo fosse além das mais triviais observações derivadas de um *Le Bon* popularizado. Tampouco se poderia afirmar que Goebbels era um gênio da propaganda e estava completamente a par das descobertas mais avançadas da psicologia moderna. A leitura de seus discursos e de trechos selecionados de seus diários recentemente publicados dá a impressão de uma pessoa astuta o bastante participar do jogo da política do poder mas totalmente ingênuo e superficial em relação a todos as questões sociais ou psicológicas abaixo da superfície de seus próprios palavras de ordem (*catchwords*) e editoriais de jornal. A idéia do Goebbels intelectual sofisticado e “radical” é parte da lenda demoníaca associada a seu nome e promovida pelo jornalismo zeloso; uma lenda, aliás, que pede ela mesma uma explicação psicanalítica. O próprio Goebbels pensava por estereótipos e estava completamente sob o encanto da personalização. Temos, portanto, que buscar por fontes outras que a erudição, para o muito propagandeado domínio fascista de técnicas psicológicas de manipulação de massas. A fonte primária parece ser a já mencionada identidade básica entre líder e seguidor, a qual circunscreve um dos aspectos da identificação. O líder pode adivinhar os desejos e necessidades psicológicas daqueles suscetíveis à sua propaganda porque se

³⁵ *Loc. cit.*, pág. 114.

³⁶ *Loc. cit.*, pág. 87.

³⁷ Cf. *Prophets of Deceit*.

assemelha psicologicamente a eles, e se diferencia pela capacidade de expressar sem inibições o que está latente neles, ao invés de por alguma superioridade intrínseca. Os líderes são geralmente tipos de caráter oral, com compulsão a falar incessantemente e a enganar os outros. O famoso encanto que exercem sobre seus seguidores parece depender largamente de sua oralidade: a própria linguagem, destituída de sua significação racional, funciona de um modo mágico e promove aquelas regressões arcaicas que reduzem os indivíduos a membros de multidões. Uma vez que esta mesma qualidade de discurso desinibido mas largamente associativo pressupõe pelo menos uma falta temporária de controle do eu, ela bem pode indicar fraqueza em lugar de força. A jactância de força dos agitadores fascistas é, de fato, freqüentemente acompanhada por traços de tal fraqueza, particularmente quando imploram por contribuições monetárias – traços que, deve-se admitir, são habilmente unidos à própria idéia de força. A fim de ir com sucesso ao encontro das disposições inconscientes de sua audiência, o agitador, por assim dizer, simplesmente volta seu próprio inconsciente para fora. Sua particular síndrome de caráter possibilita-lhe fazer exatamente isto, e a experiência o ensinou conscientemente a explorar esta faculdade, a fazer uso racional de sua irracionalidade, de modo semelhantemente ao ator, ou a certo tipo de jornalista que sabe como vender sua estimulação e sua sensibilidade. Sem sabê-lo, ele é, assim, capaz de falar e agir em acordo com a teoria psicológica pela simples razão de que a teoria psicológica é verdadeira. Tudo que ele tem a fazer para que a psicologia de sua audiência funcione é explorar maliciosamente sua própria psicologia.

A adequação dos dispositivos dos agitadores à base psicológica de seus objetivos é aperfeiçoada por outro fator. Como sabemos, a agitação fascista tornou-se uma profissão, por assim dizer, um meio de vida. Ela teve bastante tempo para testar a efetividade de seus vários atrativos (*appeals*) e, pelo que poderia ser chamado de seleção natural, apenas os mais cativantes sobreviveram. Sua efetividade é, ela própria, uma função da psicologia dos consumidores. Por um processo de “congelamento” (*freezing*), que pode ser observado em todas as técnicas empregadas na moderna cultura de massa, os atrativos sobreviventes foram estandardizados, de forma similar aos slogans de propaganda que provaram ser valiosos na promoção dos negócios. Esta estandardização, por sua vez, corresponde ao pensamento estereotipado, ou seja, à “estereopatia” daqueles suscetíveis a esta propaganda e a seu desejo infantil por repetição interminável e inalterada. É difícil predizer se esta

última disposição psicológica evitará que os dispositivos padrão (*standard*) dos agitadores fiquem embotados pelo uso excessivo. Na Alemanha nacional-socialista costumava-se ridicularizar certas expressões propagandísticas como “sangue e solo”, (*Blut und Boden*), contraída jocosamente para *Blubo*, ou o conceito da raça nórdica, do qual o verbo paródico *aufnorden* (“nortizar”) foi derivado. Não obstante, estes atrativos não parecem ter perdido seu apelo. Antes, sua própria “impostura” (*phonyness*) pode ter sido cínica e sadicamente saboreada como um sinal do fato de que o poder sozinho decidia o destino das pessoas no Terceiro Reich, ou seja, o poder desembaraçado da objetividade racional.

Além disso, pode-se perguntar: por que a psicologia de grupo aplicada discutida aqui é peculiar ao fascismo mais que à maioria dos outros movimentos que buscam apoio de massa? Mesmo a comparação mais casual da propaganda fascista com a dos partidos liberais e progressistas mostra que é assim. Contudo, nem Freud nem Le Bon consideraram tal distinção. Eles falavam de multidões “enquanto tais”, de modo similar às conceitualizações utilizadas pela sociologia formal, sem distinguir os objetivos políticos dos grupos em questão. De fato, ambos pensavam nos movimentos socialistas tradicionais antes que em seu oposto, apesar que deve-se notar que a Igreja e o Exército – os exemplos escolhidos por Freud para a demonstração de sua teoria – são essencialmente conservadores e hierárquicos. Le Bon, por outro lado, está preocupado principalmente com multidões não-organizadas, espontâneas e efêmeras. Somente uma teoria explícita da sociedade, transcendendo em muito os limites da psicologia, pode responder completamente a pergunta aqui colocada. Por agora, nos contentamos com alguns sugestões. Primeiro, as finalidades objetivas do fascismo são amplamente irracionais na medida em que contradizem os interesses materiais de grandes números daqueles que elas tentam incorporar, não obstante o boom pré-guerra dos primeiros anos do regime de Hitler. O risco contínuo de guerra inerente ao fascismo significa destruição e as massas sabem disto ao menos pré-conscientemente. Deste modo, o fascismo não é totalmente mentiroso quando se refere a seus poderes irracionais, não importando quão falsa possa ser a mitologia que ideologicamente racionaliza o irracional. Uma vez que seria impossível para o fascismo ganhar as massas por argumentos racionais, sua propaganda deve necessariamente ser defletida do pensamento discursivo; deve ser orientada psicologicamente, e tem que mobilizar processos irracionais, inconscientes e regressivos. Esta tarefa é facilitada pelo

estado de espírito de todos aqueles estratos da população que sofrem frustrações sem sentido e desenvolvem, por isso, uma mentalidade mesquinha e irracional. O segredo da propaganda fascista pode bem ser o fato de que ela simplesmente toma os homens pelo que eles são: os verdadeiros filhos da cultura de massa estandardizada atual, amplamente despojados de autonomia e espontaneidade, ao invés de estabelecer metas cuja realização transcenderia o *status quo* psicológico não menos que o social. A propaganda fascista tem apenas que reproduzir a mentalidade existente para seus próprios propósitos; – não precisa induzir uma mudança – e a repetição compulsiva, que é uma de suas características primárias, estará em acordo com a necessidade desta reprodução contínua. Ela se apóia absolutamente na estrutura total tanto quanto em cada traço particular do caráter autoritário que é, ele mesmo, produto de uma internalização dos aspectos irracionais da sociedade moderna. Sob as condições prevaletentes, a irracionalidade da propaganda fascista se torna racional no sentido da economia instintual. Pois, se o *status quo* é tomado como algo aceito e petrificado, é necessário um esforço muito maior para se ver através dele que para se ajustar a ele e obter pelo menos alguma satisfação através da identificação com o existente – o núcleo da propaganda fascista. Isto pode explicar por que os movimentos de massa ultra-reacionários usam a “psicologia das massas” num grau muito maior do que o fazem movimentos que mostram mais fé nas massas. Entretanto, não há dúvida de que mesmo o movimento político mais progressista pode se deteriorar até chegar ao nível da “psicologia da multidão” e de sua manipulação, se seu próprio conteúdo racional é despedaçado pela reversão ao poder cego.

A assim chamada psicologia do fascismo é amplamente gerada por manipulação. Técnicas racionalmente calculadas provocam o que é ingenuamente considerado a irracionalidade “natural” das massas. Este *insight* pode nos ajudar a resolver o problema de se o fascismo como fenômeno de massa pode ser explicado em termos psicológicos. Apesar de certamente existir uma potencial suscetibilidade ao fascismo entre as massas, é igualmente certo que a manipulação do inconsciente, o tipo de sugestão explicada por Freud em termos genéticos, é indispensável para atualização deste potencial. Isto, entretanto, corrobora a suposição de que o fascismo como tal não é uma questão psicológica e de que qualquer tentativa para entender suas raízes e seu papel histórico em termos psicológicos ainda permanece no nível das ideologias, tais como a das “forças

irracionais”, promovidas pelo próprio fascismo. Embora o agitador fascista indubitavelmente assuma certas tendências internas àqueles aos quais se dirige, ele o faz como mandatário de interesses econômicos e políticos poderosos. Disposições psicológicas não causam, na verdade, o fascismo; antes, o fascismo define uma área psicológica que pode ser explorada com sucesso pelas forças que o promovem por razões completamente não-psicológicas de interesse próprio. O que acontece quando massas são apanhadas pela propaganda fascista não é uma expressão primária espontânea de instintos e desejos mas uma revitalização *quasi*-científica de sua psicologia – a regressão artificial descrita por Freud em sua discussão sobre os grupos organizados. A psicologia das massas foi controlada por seus líderes e transformada em meio para sua dominação. Ela não se expressa diretamente pelos movimentos de massa. Este fenômeno não é completamente novo mas foi pressagiado pelos movimentos contra-revolucionários ao longo da história. Longe de ser a fonte do fascismo, a psicologia se tornou um elemento entre outros em um sistema sobreposto cuja própria totalidade é tornada necessária pelo potencial de resistência das massas – a própria racionalidade das massas. O conteúdo da teoria de Freud, a substituição de narcisismo individual pela identificação com a imagem dos líderes, aponta na direção do que poderia ser chamado de apropriação da psicologia de massa pelos opressores. Este processo tem, com certeza, uma dimensão psicológica, mas também indica uma tendência crescente à abolição da motivação psicológica no sentido antigo e liberal. Tal motivação é sistematicamente controlada e absorvida por mecanismos sociais que são controlados a partir de cima. Quando os líderes se tornam conscientes da psicologia de massa e a tomam nas próprias mãos, ela deixa de existir, num certo sentido. Esta potencialidade está contida no constructo básico da psicanálise porquanto para Freud o conceito de psicologia é essencialmente negativo. Ele define o reino da psicologia pela supremacia do inconsciente e postula que o que é id deveria se tornar eu. A emancipação do homem do domínio heterônomo de seu inconsciente seria equivalente à abolição de sua “psicologia”. O fascismo promove esta abolição no sentido oposto, pela perpetuação da dependência ao invés da realização da liberdade potencial, pela expropriação do inconsciente pelo controle social ao invés de tornar os sujeitos conscientes de seus inconscientes. Pois, enquanto psicologia sempre denota algum aprisionamento do indivíduo, ela também pressupõe liberdade no sentido de uma certa auto-suficiência e autonomia do

indivíduo. Não é acidental que o século dezenove tenha sido a grande era do pensamento psicológico. Numa sociedade completamente reificada, na qual não há virtualmente nenhuma relação direta entre homens e na qual cada pessoa foi reduzida a um átomo social, a uma mera função da coletividade, os processos psicológicos, apesar de ainda persistem dentro cada indivíduo, deixaram de aparecer como forças determinantes do processo social. Assim, a psicologia do indivíduo perdeu o que Hegel teria chamado sua substância. É talvez o maior mérito do livro de Freud o fato de que, apesar dele ter se restringido ao campo da psicologia individual e sabiamente se absteve de introduzir fatores sociológicos desde fora, alcançou não obstante o momento decisivo onde a psicologia renuncia a seu poder. O “empobrecimento” psicológico do sujeito que “se entregou ao objeto” o qual “substituiu seu componente mais importante”³⁸, isto é, o supereu, antecipa quase que com clarividência os desindividualizados átomos sociais pós-psicológicos que formam as coletividades fascistas. Nestes átomos sociais as dinâmicas psicológicas da formação de grupo foram para além si mesmas e não são mais uma realidade. A categoria da “impostura” (*phynness*) se aplica aos líderes tanto quanto ao ato de identificação por parte das massas e a seus supostos frenesi e histeria. Tão pouco quanto as pessoas acreditam no fundo de seus corações que os judeus são o demônio, acreditam elas completamente no líder. Elas não se identificam realmente com ele mas atuam esta identificação, encenam seu próprio entusiasmo, e participam assim da performance de seu líder. É através desta encenação que atingem um equilíbrio entre seus desejos instintuais continuamente mobilizados e a fase histórica de esclarecimento que alcançaram, e que não pode ser arbitrariamente revogada. É provavelmente a suspeita do caráter fictício de sua própria “psicologia de grupo” que torna as multidões fascistas tão inabordáveis e impiedosas. Se parassem para raciocinar por um segundo, toda a encenação desmoronaria, e só lhes restaria entrar em pânico.

Freud descobriu este elemento de “impostura” em um contexto inesperado, isto é, quando discute a hipnose como um retrocesso dos indivíduos à relação entre a horda primitiva e o pai primitivo.

³⁸ *Loc. cit.*, pág. 76.

Como sabemos por outras reações, os indivíduos preservaram um grau variável de aptidão pessoal para reavivar velhas situações deste tipo. Algum conhecimento de que, apesar de tudo, a hipnose é apenas um jogo, uma renovação ilusória destas antigas impressões, pode, porém, permanecer por detrás e cuidar para que haja uma resistência contra quaisquer conseqüências sérias da suspensão da vontade na hipnose.³⁹

Neste meio tempo, este jogo foi socializado, e as conseqüências provaram ser muito sérias. Freud estabeleceu uma distinção entre hipnose e psicologia de grupo descrevendo a primeira como tomando lugar entre duas pessoas apenas. Entretanto, a apropriação da psicologia de massa pelos líderes, o aperfeiçoamento de sua técnica, permitiu-lhes coletivizar o feitiço hipnótico. O grito de guerra nazista, “desperta, Alemanha” esconde seu próprio contrário. A coletivização e institucionalização do feitiço, por outro lado, tornaram a transferência mais e mais indireta e precária, de forma que o aspecto de performance, a “impostura” da identificação entusiástica e de toda a dinâmica tradicional da psicologia de grupo, foi tremendamente aumentado. Este aumento bem pode terminar numa súbita consciência da inverdade do feitiço e, eventualmente, em seu colapso. A hipnose socializada cria no interior de si mesma as forças que eliminarão o fantasma da regressão por controle remoto, e que, no fim, despertarão aqueles que mantêm seus olhos fechados apesar de não estarem mais dormindo.

1951

³⁹ *Loc. cit.*, pág. 99.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.